

O silêncio em quatro interpretações

Adilson Citelli¹

Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.
E-mail: citelli@uol.com.br

Em meio à ruidosa sociedade contemporânea, a necessidade de um momento de silêncio é tão imprescindível quanto foi nos tempos passados. Permanecer em silêncio nos permite escutar as vozes de nossos pensamentos, e nesse momento especial, os sentidos transmitem à mente toda espécie de sensações, sejam de dor, sejam de prazer. O silêncio é múltiplo, manifesta sua particularidade em cada alma. É o momento da ponderação e da reflexão, é o complemento de pensamentos intraduzíveis, é o medo da exposição, é a espera do momento oportuno, é o puro consentimento ou a total negação, é o inexprimível. E como alcançar o inexprimível? Alguns escritores manifestaram sua singularidade através da difícil tarefa de expressar por palavras, ou de até mesmo ritmar, o silêncio. Seleccionamos quatro grandes escritores brasileiros que, de distintas maneiras, colocaram o silêncio como elemento de seus poemas. Para Carlos Drummond de Andrade, o silêncio é força propulsora da poesia; João Cabral de Melo Neto o define como uma substância que assume diferentes formas, passando do pesado ao levíssimo; para Manuel Bandeira, é lírico; e, finalmente, para Murilo Mendes, o “homem de Castela” é moldado pelo silêncio. Desejamos que esta seleção de poemas possa servir para cada leitor encontrar um significado para seu próprio silêncio.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, em uma família de fazendeiros em decadência. Começou a carreira de escritor como colaborador do *Diário de Minas*, que reunia os adeptos do movimento modernista mineiro. Concluiu o curso de Farmácia na cidade de Ouro Preto, em 1925. Fundou, ao lado de outros escritores, *A Revista*, um importante veículo do modernismo em Minas Gerais. Sua estréia na literatura ocorreu em 1930, com *Alguma Poesia*.

Durante a maior parte da vida foi funcionário público. Morreu no Rio de Janeiro, em 1987. Várias obras do poeta foram traduzidas para o espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, sueco, tcheco e outras línguas. A obra de Carlos Drummond de Andrade continua sendo uma das mais importantes da literatura brasileira.

POESIA

1. Com a colaboração de Cristine Vargas (revista *Comunicação & Educação* – ECA/USP e FFLCH/USP).

Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro
são indiferentes.
Não me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de
espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade de Recife, Pernambuco, em 9 de janeiro de 1920. Até os 10 anos, viveu em engenhos de açúcar em São Lourenço da Mata e Moreno, na Zona da Mata pernambucana. Era primo, pelo lado paterno, de Manuel Bandeira e, pelo lado materno, de Gilberto Freyre. Em 1940, viajou com a família para o Rio de Janeiro, onde conheceu Murilo Mendes, que o apresentou a Carlos Drummond de Andrade e ao círculo de intelectuais que se reunia no consultório de Jorge de Lima. Em 1942, publicou seu primeiro livro, *Pedra do Sono*, e, em 1945, *O Engenheiro*. Fez concurso para a carreira diplomática, trabalhando durante a maior parte de sua carreira na Espanha, local que o influenciou fortemente.

Sua obra tornou-se mais conhecida quando, em 1965, o grupo de Teatro da Universidade Católica – TUCA encenou em São Paulo *Morte e Vida Severina*. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968. Em 1990, tornou-se o primeiro brasileiro a receber o Prêmio Camões, patrocinado conjuntamente pelos governos do Brasil e de Portugal. Aposentou-se como embaixador no mesmo ano e também publicou *Sevilha Andando*. Dois anos depois, recebeu o Neustadt International Prize for Literature, da Universidade de Oklahoma, Estados Unidos. João Cabral de Melo Neto sofria de uma doença degenerativa incurável que fez sua visão desaparecer aos poucos. Faleceu no dia 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro.

A palo seco²

1.1.

Se diz *a palo seco*
o cante sem guitarra;
o cante sem; o cante;
o cante sem mais nada;
se diz *a palo seco*
a esse *cante* despido:
ao *cante* que se canta
sob o silêncio a pino.

1.2.

O *cante a palo seco*
é o *cante* mais só:
é cantar num deserto
devassado de sol;
é o mesmo que cantar
num deserto sem sombra
em que a voz só dispõe
do que ela mesma ponha.

1.3.

O *cante a palo seco*
é um *cante* desarmado:
só a lâmina da voz
sem a arma do braço;
que o *cante a palo seco*
sem tempero ou ajuda
tem de abrir o silêncio
com sua chama nua.

1.4.

O *cante a palo seco*
não é um *cante* a esmo:
exige ser cantado
com todo o ser aberto;
é um *cante* que exige
o ser-se ao meio-dia,
que é quando a sombra foge
e não medra a magia.

2.1.

O silêncio é um metal
de epiderme gelada,
sempre incapaz das ondas
imediatas da água;

A pele do silêncio
pouca coisa arrepia:
o *cante a palo seco*
de diamante precisa.

2.2.

Ou o silêncio é pesado,
é um líquido denso,
que jamais colabora
nem ajuda com ecos;
mais bem, esmaga o *cante*
e afoga-o, se indefeso:
a palo seco é um *cante*
submarino ao silêncio.

2.3.

Ou o silêncio é levíssimo,
é líquido e sutil
que se ecoa nas frestas
que no *cante* sentiu;
o silêncio paciente
vagaroso se infiltra,
apodrecendo o *cante*
de dentro, pela espinha.

2.4.

Ou o silêncio é uma tela
que difícil se rasga
e que quando se rasga
não demora rasgada;
quando a voz cessa, a tela
se apressa em se emendar:
tela que fosse de água,
ou como tela de ar.

3.1.

A palo seco é o *cante*
de todos mais lacônico,
mesmo quando pareça
estirar-se um quilômetro:
enfrentar o silêncio
assim despido e pouco
tem de forçosamente
deixar mais curto o fôlego.

2. Expressão do espanhol que significa sem acompanhamento. "Cante a palo seco" refere-se à música tradicionalmente cantada sem acompanhamento musical ou feita apenas com algum tipo de percussão.

3.2.

A palo seco é o cante
de grito mais extremo:
tem de subir mais alto
que onde sobe o silêncio;
é cantar contra a queda,
é um *cante* para cima,
em que se há de subir
cortando, e contra a fibra.

3.3.

A palo seco é o cante
de caminhar mais lento:
por ser a contra-pelo,
por ser a contra-vento;
é *cante* que caminha
com passo paciente:
o vento do silêncio
tem a fibra de dente.

3.4.

A palo seco é o cante
que mostra mais soberba;
e que não se oferece:
que se toma ou se deixa;
cante que não se enfeita,
que tanto se lhe dá;
é *cante* que não canta,
cante que aí está.

4.1.

A palo seco canta
o pássaro sem bosque,
por exemplo: pousado
sobre um fio de cobre;

a palo seco canta
ainda melhor esse fio
quando sem qualquer pássaro
dá o seu assovio.

4.2.

A palo seco cantam
a bigorna e o martelo,
o ferro sobre a pedra
o ferro contra o ferro;
a palo seco canta
aquele outro ferreiro:
o pássaro araponga
que inventa o próprio ferro.

4.3.

A palo seco existem
situações e objetos:
Graciliano Ramos,
desenho de arquiteto,
as paredes caiadas,
a elegância dos pregos,
a cidade de Córdoba,
o arame dos insetos.

4.4

Eis uns poucos exemplos
de ser *a palo seco*,
dos quais se retirar
higiene ou conselho:
não o de aceitar o seco
por resignadamente,
mas de empregar o seco
porque é mais contundente.

MANUEL BANDEIRA

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife no dia 19 de abril de 1886. Em 1903, sua família mudou-se para São Paulo, onde Manuel Bandeira se matriculou na Escola Politécnica, pretendendo formar-se arquiteto. No final do ano de 1904, o autor, ao saber que estava tuberculoso, abandonou suas atividades e mudou-se para o Rio de Janeiro. Escreveu seus primeiros versos livres, em 1912. *A Cinza das Horas*, seu primeiro livro, foi publicado em 1917. No

ano seguinte, faleceu a irmã Maria Cândida de Souza Bandeira, que havia sido sua dedicada enfermeira. Em 1919, publicou seu segundo livro, *Carnaval*.

Em 1922, começou a se corresponder com Mário de Andrade. Manuel Bandeira não participou da Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro em São Paulo, no Teatro Municipal; entretanto, na ocasião, Ronald de Carvalho leu o poema Os Sapos, do livro *Carnaval*. Em 1936, grandes comemorações marcaram os 50 anos do poeta, entre as quais a publicação de *Homenagem a Manuel Bandeira*, livro com poemas, estudos críticos e comentários, de autoria dos principais escritores brasileiros da época. No mesmo ano publicou *Estrela da Manhã* e *Crônicas da Província do Brasil*. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Luís Guimarães Filho. Publicou *Poesias Completas*, com a inclusão da Lira dos Cinquenta Anos.

Comemorou seus 80 anos, em 1966, recebendo muitas homenagens. A Editora José Olympio promoveu o lançamento dos volumes *Estrela da Vida Inteira* (poesias completas e traduções de poesia) e *Andorinha Andorinha* (seleção de textos em prosa, organizada por Carlos Drummond de Andrade). Manuel Bandeira faleceu no dia 13 de outubro de 1968, no Rio de Janeiro.

O silêncio

Na sombra cúmplice do quarto,
Ao contacto das minhas mãos lentas
A substância da tua carne
Era a mesma que a do silêncio.

Do silêncio musical, cheio
De sentido místico e grave,
Ferindo a alma de um enleio
Mortalmente agudo e suave.

Ah, tão suave e tão agudo!
Parecia que a morte vinha...
Era o silêncio que diz tudo
O que a intuição mal adivinha.

É o silêncio da tua carne.
da tua carne de âmbar, nua,
Quase a espiritualizar-se
Na aspiração de mais ternura.

MURILO MENDES

Murilo Monteiro Mendes nasceu no dia 13 de maio de 1901, em Juiz Fora, Minas Gerais. Aos 16 anos fugiu do colégio para assistir, no Rio de Janeiro,

à apresentação do bailarino e coreógrafo russo Vaslav Nijinski. Nessa mesma época, recusou-se a continuar os estudos. Em 1920, após várias tentativas da família de estabelecê-lo num emprego, vai, com o irmão mais velho, para o Rio de Janeiro. Durante os anos de 1924 a 1929, o autor dedicou-se à formação cultural. Nesse período, foi arquivista no Ministério da Fazenda e funcionário do Banco Mercantil. Publicou poemas em revistas modernistas como *Verde* e *Revista de Antropofagia*.

Seu primeiro livro, *Poemas*, foi publicado em 1930. Converteu-se ao catolicismo em 1934, fato que influencia fortemente seu segundo livro, *Tempo e Eternidade*, publicado no ano seguinte. Mudou-se para a Itália em 1957, onde se tornou professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma. Foi também professor na Universidade de Pisa. Seus livros foram publicados por toda a Europa. Em 1972, recebeu o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Murilo Mendes faleceu em Lisboa, no dia 13 de agosto de 1975.

Homenagem a Cervantes

Na estepe de Castela o homem mede a sede,
Mede o sol, desdém e força.

Na estepe de Castela
O homem mede suas malandanças,
Caminha com a rudeza a tiracolo.

Na estepe de Castela
Campos desnudos, vento e argila,
Céu côncavo, cifrado,
Determinam o espaço substantivo,

O estilo do silêncio:
E o silêncio cria o homem de Castela.

Armado por cinqüenta anos de silêncio
Teu herói marcha com seu escudeiro
Que não é seu duplo hostil ou lado oposto,
Antes parte integrante de si mesmo.
Não precisou marchar além da Espanha.
Ao alcance da mão temos o homem, o mundo,
Mesmo medidos num espaço angusto.
Paralelamente, no teu livro total
Se como terrestre experiência.

No espaço e na medida de Castela,
Na solidão do ar absoluto de Castela
Distingui minha medida temporal.

O homem foi criado para se conhecer circunscrito,
Seus ângulos e arestas o definem.
Castela interior que me demarcas,
Correspondes à outra Castela clássica,
Ameaçada Castela: aqui a indústria
Já inaugura sua máquina indiscreta.

Mas, se deve nutrir teus homens secos,
Que venha e permaneça a máquina indiscreta:
Frente ao excesso mecânico da técnica,
Frente a moinhos com radar, Dulcinéias de vidro, armaduras atômicas,
Responderá o equilíbrio de Cervantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

BANDEIRA, Manuel. O ritmo dissoluto. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

MELO NETO, João Cabral de. Quaderna. In: **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1975.

MENDES, Murilo. Tempo espanhol. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Endereços eletrônicos

<<http://www.releituras.com/biografias.asp>>

<<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia%5Flit/>>